

Extra! Extra! O *foot-ball* chegou...
1904: o ano que Belo Horizonte inventa o jogo de *shoots*

Souza Neto, Georgino Jorge de¹
Soutto Mayor, Sarah Teixeira²
Dias, Cleber³

Primeira Página

O início do século XX é um rico momento de apropriação de um ideário esportivo no Brasil, notadamente percebido nos principais centros irradiadores da cultura urbana, a exemplo da capital federal, o Rio de Janeiro, e da metrópole efervescente, São Paulo.

Para além destas cidades, Belo Horizonte começava a se configurar como um lugar afeito a experiências da modernidade. No dizer de Anny Silveira (1996), a construção da Capital indicava a vitória do progresso, da razão e da inteligência. Uma grande cidade com grandes possibilidades, voltada para o futuro, o desenvolvimento, o moderno, o cosmopolita.

Neste sentido, os modos de se divertir vão se redimensionando na perspectiva de abrigar práticas diferenciadas, notadamente ligadas à vertigem e à exposição pública. Os esportes se tornam, sobremaneira, um emblemático mecanismo de pertencimento a este novo modelo de convivência social, ainda que atrelado a um grupo distintivo.

A sociedade do ativismo, esportiva por excelência, requeria a construção de uma nova consciência, que desembocaria em novos hábitos. O historiador Nicolau Sevcenko (1994) aponta indícios deste processo, ao afirmar que “o antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está”.

A historiografia do futebol em Belo Horizonte, que tem se tornado mais vasta a partir dos investimentos acadêmicos que se debruçam sobre o tema nos últimos anos, situa o ano de 1904 como o espaço temporal que sedia a chegada deste esporte na recém-inaugurada capital mineira.

¹ Prof. Ms. - Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Doutorando em Lazer/UFMG

² Doutoranda em Lazer/UFMG

³ Prof. Dr. - Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

O que este artigo tenciona, pois, é tentar apreender os sinais que captaram as reações que o futebol causou na sociedade horizontina, via imprensa periódica da cidade. Para tanto, jornais do ano de 1904 foram analisados, com vistas à emersão de fontes que pudessem contribuir para a análise e reflexão do tema aqui proposto.

Os locais de acesso a estes periódicos se situaram na Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, responsável pela publicação, à época, do jornal oficial do Estado, o “Minas Geraes”; e também na Coleção Linhares, que abriga um vasto rol de títulos periódicos de Belo Horizonte, entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século seguinte.

Sobre a perspectiva de se trabalhar guiados pelas fontes periódicas, é importante ressaltar que o uso de jornais como fonte de pesquisas historiográficas se legitima com o reconhecimento da História Cultural, como outra possibilidade de se fazer história. Machado de Assis já reconhecia a literatura informativa dos jornais como algo fundamentalmente importante para a escrita da memória. Em um trecho de sua obra afirmava, com uma singular sensibilidade, que:

O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é a reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana. (ASSIS, 2006, p. 952)

De outra forma, é fundamental pensarmos na peculiaridade de manuseio deste tipo de fonte. Assim, cabe a consideração de Laura Antunes Maciel (2004, p. 15), ao esclarecer que:

[...] é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representam.

De uma maneira geral, podemos constatar que parte da imprensa ignora a chegada do futebol em Belo Horizonte (muitas vezes, motivada pelo apego a uma linha editorial mais específica), o que não acontece com outro setor periodista, que reverbera, com certo entusiasmo, a novidade do “jogo de bola com os pés”, noticiando e dando visibilidade aos meandros das suas primeiras experiências na cidade. Neste sentido, dos 398 periódicos analisados (304 exemplares do jornal “Minas Geraes” e 94 exemplares de títulos diversos disponibilizados pela Coleção Linhares), 35 destes (17 “Minas Geraes” e 18 da Coleção Linhares) noticiaram e/ou fizeram referências ao futebol.

Isto posto, podemos perceber que as primeiras notas que tratam sobre a chegada do futebol em Belo Horizonte transitam entre uma euforia entusiasta e/ou um estranhamento peculiar. De uma forma ou de outra, fato é que parte da imprensa local já se atentava para este movimento esportivo, capitaneado pela chegada do futebol à cidade. Discutiremos, a seguir, as fontes que emergiram na nossa busca, tentando alinhar as vozes que construíram a percepção sobre a chegada do futebol na capital mineira com as nossas impressões sobre este fenômeno.

Das Fontes: notícias (im)populares

A primeira notícia verificada no *Minas Geraes* dá conta da inauguração daquele que seria o primeiro time/clube organizado da cidade. Nela, lê-se:

“Sport-Club-Foot-Ball” – Fundado nesta Capital no dia 10 do corrente pelos srs. Oscar Americano, presidente; José Gonçalves, thesoureiro; Avelino Souza, secretario; Victor Serpa, capitão e outros. Annuncia a directoria dessa util diversão que, nos dias 14 e 17 do corrente, haverá exercicios praticos no campo. (1904, p. 6)

A ideia de uma “útil diversão” já aponta para o sentido de que os esportes, de maneira geral, representavam uma especial reserva da nova conduta esperada e exigida pela modernidade: o desenvolvimento de um gosto por práticas emblemáticas de uma lógica higiênica, eugênica, além de distintiva.

Como elemento constitutivo de um corpo de hábitos inserido na lógica de um modo de vida moderno, as práticas de divertimento se reconfiguravam na passagem do século XIX para o XX. Como sinaliza Victor Melo (2007, p. 52), “[...] o desenvolvimento do campo esportivo no Brasil esteve relacionado com sua possibilidade de se constituir em uma diversão, em um país ainda carente de iniciativas nesse sentido”. Para o autor,

Nesse momento, notadamente nas maiores cidades brasileiras, no contexto da influência da belle époque no nosso país, gesta-se mais claramente os primórdios de um mercado de lazer e entretenimento, em uma sociedade que começava a valorizar as vivências públicas de divertimento. (MELO, 2007, p. 52)

Assim, impulsionado pelo *Sport Club* e seus denodados incentivadores, outras agremiações esportivas/futebolísticas começam a emergir, especialmente associadas a um público jovem, via de regra ligadas ao meio acadêmico e pertencentes à elite econômica e social da cidade. O excesso (aos olhos da época) de futebol e de clubes chega a tal ponto que o periódico “A Epocha” denomina este momento como “a mania do foot-ball”, em edição publicada a 30 de outubro de 1904 (p. 2), reverberando a percepção de excedência que começava a se configurar.

Outra nota, desta vez encontrada no “Minas Geraes”, comprovava a ocorrência deste estado de coisas. Na sua edição de 24 de novembro, o periódico oficial do Estado publicava que:

Este genero de diversão sportiva, que ultimamente tanto incremento tem tomado no nosso meio, allia em si o util ao agradável, pois ao mesmo tempo que dá força ao corpo, concorrendo assim para a perfeição da especie, é um elemento de distracção para o nosso publico. (MINAS GERAES, 1904, p. 6)

Para a pesquisadora Marilita Rodrigues, este entendimento construído pela imprensa sobre o futebol pode ser percebido na lógica de que:

[...] o útil estava aliado ao valor do esporte na busca da eugenia da raça, concepção que, desde o final do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, permeava as representações sobre o esporte e a educação física. O esporte era uma forma de conseguir o vigor físico e a melhoria

da espécie. Além de concorrer para a formação do corpo, era uma forma de promover um divertimento organizado. (RODRIGUES, 2006, p. 162)

No entanto, o aparecimento do novo não se instituiu sem provocar estranhamentos. Se jogar futebol era algo estranho e até mesmo difícil para boa parte das pessoas, o assistir ao jogo também não causava menos estranhezas. A crônica de Spiridiam⁴ demarcava claramente esta percepção, narrando a sua impressão ao assistir a uma partida de futebol pela primeira vez:

[...] E a voz de Bicudo surpreendeu-me: - que estás aí a murmurar? Nada!? Pois eu ouvi ... avia-te e vamos assistir a partida de ‘foot-ball’: nunca vi tal cousa. – Nem eu, accrescentei. Quando chegamos ao chamado ‘campo’, fiquei surpreso. Senhoras e cavalheiros lá estavam embevecidos, arriscando commentarios, interessados pelo jogo. Bicudo franziu os supercenhos e eu puz-me a observar. Marmanjos e crianças, todos de bonets e calções, as pernas nuas do joelho para baixo, calçados com sapatões de turco, atiravam pontapés numa bola que andava de Herodes para Pilatos. Momentos depois passou perto de mim um ‘foot-baller’ e eu pude ver-lhe as truculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo... Não me contive e chamei a atenção do Bicudo. O insigne mestre ria perdidamente, achando tudo aquillo tragico e comico ao mesmo tempo, e sem perceber, instinctamente repetiu o conceito de D. Quitéria: - Neste mundo ha cada uma... - Que até parecem duas -, acabei eu⁵. (A EPOCHA, 1904, p. 2)

Este olhar estranhado reflete o impacto que uma série de “novidades” (hábitos, comportamentos, espaços, tecnologias) causou na sociedade horizontal à época. Para além do futebol, todo um contexto de transformações ia se adensando no horizonte do cotidiano. Neste sentido, o esporte (enquanto manifesta estratégia de educação de uma sensibilidade) se tornava mais um, dentre tantos elementos, que tencionavam promover uma passagem de um tempo a outro.

Sobre isto, localizamos na crônica “Impressões de um caipira” uma possível tradução desta transição. Publicada no periódico “Gazeta”, em 10 de julho de 1904, a percepção de um sujeito não pertencente a esta nova ordenação social/espacial (de práticas e do urbano) é exposta com um misto de ironia e sentido. Em um trecho da mesma, lê-se:

⁴ Pseudônimo de um popular cronista da época, possuidor de um estilo provocativo e sarcástico.

⁵ Preferimos adotar a grafia da época, por acreditarmos que desta forma, a ambiência do contexto se aproxima da realidade passada. Outras notas assumirão a mesma regra.

Mais é como eu dizendo, compade, achei o tal Bello Horizonte uma terra isturdia. No sabbado passado cheguei no Bello Horizonte e como não sabia aonde morava o compade André, fui arrebetá no mercado. [...] O compade André tá civilizado que é um gosto! Não trais mais faca nos cois das carça, e anda c'um cada sapatão branco que parece uma ferradura! Sabbado... é, foi sabbado mêmoo, o compade André me chamou p'ra mode eu vê a cidade. Quando eu fui entrando numa rua larga daquellas, vi logo uma purção de cruz amarrada p'rumas corda preta. Ahi eu virei p'ro compade André e perguntei: - Uai, compade, pois entonce no Bello Horizonte o cemitero é nas rua? – *Pru que?*, disse o compade André. – Uai, pois vancê não tá vendo que purção de cruz p'ra aqui afóra? O compade André deu uma risada daquellas e disse: - Compade, isso não é cruz, isso é *posse da luz eletra...* (GAZETA, 1904, p. 2)

Segundo a historiadora Letícia Julião em seus estudos empreendidos sobre a cidade de Belo Horizonte, nos seus anos iniciais, é possível notar que para os habitantes da esfera urbana (espaço que foi se configurando como acessível a uma minoria), a cidade começou a oferecer uma infra-estrutura moderna, onde viviam suas elites, que ali “construíam suas residências, faziam seus negócios e desfrutavam o seu lazer”. Nos subúrbios, zona desprovida de planejamento, as camadas mais ínfimas da sociedade viviam em casebres e cafuas (cf. RODRIGUES, 2006). No dizer da própria pesquisadora, a segregação espacial se dava com:

[...] uma longa avenida que circundava a cidade, fixando os limites entre as zonas urbana e a suburbana. Também ela funcionava como recursos de comunicação e integração, não entre dois pontos extremos, como as demais, mas interligando diferentes bairros da cidade. Ao encerrar a área urbana em um território circular, criava-se o que se pode chamar de uma versão moderna de fortaleza. Embora, supostamente, não impedisse o acesso à zona urbana, a avenida do contorno separava a cidade da não cidade, funcionando como uma fronteira sutil entre a vida urbana e suburbana. (JULIÃO, 1992, p. 81/82)

O futebol, enquanto prática moderna atrelada a um restrito grupo distintivo, era praticado no lado de dentro da avenida do contorno, comprovando que o esporte bretão não se dispunha para qualquer um. Ao menos sob o olhar da imprensa, os sujeitos que aparecem nas notas são destacadamente pertencentes ao chamado “escól social”. Sobre isto, o “Minas Geraes” ressaltava este posicionamento, afirmando em uma das suas publicações que “ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo desta novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distinctos sportsmen e gentis sportswomen” (MINAS GERAES, 1904, p. 6).

Para além dos incentivos e dos estranhamentos, o discurso contrário ao futebol também se apresentava, embora menos comum. Intelectuais e literatos assumiam posicionamentos de oposição ao esporte e ao futebol, acreditando que esta prática não teria o caráter formador do espírito elevado que, por exemplo, as palestras literárias desenvolviam. O cronista do jornal “A Epocha”, que assinava com o pseudônimo de Pan d’Ega, escreve um texto que bem demonstrava o descontentamento do mesmo com o crescente aumento do interesse pelo futebol, que alienava as pessoas, em detrimento do gosto pela literatura e pelo conhecimento em geral:

Quem me aplacou os nervos foi o Lucio que eu via approximar-se, calmo e pensabundo, como no dia em que o apresentei ao leitor. Abracei-o numa irrefreável expansão de allivio, certo de que, como eu, tambem elle malsinaria o morbus inductor. Interroguei-o sobre a politica internacional de que elle dava tão detalhadas noticias; mas, com grande espanto meu, retrucou: - Não leio mais jornaes. Tenho agora melhores occupações. – Que dizes? perguntei desconfiado. Lucio recuou um passo, arregaçou até ao hombro direito a manga do casaco, e, enrijando o biceps, com o braço em angulo, falou: - Olha este muque. Entrei para o ‘José de Alencar football- club’. Estendi-lhe a mão afflicta que elle apertou, achando-a fria, e fugi! (A EPOCHA, 1905, p. 1)

Mas Pan d’Ega não estava sozinho na seara que resistia a esta novidade. Mesmo antes do seu texto, publicado em fevereiro de 1905, uma cronista que assinava como Marialva, tecia sutis críticas ao crescimento do futebol na cidade, em claro detrimento à predileção pelo mundo das letras e das artes. Em um trecho da sua crônica, Marialva destaca, acidamente:

Emquanto a gente se enerva a escrever a prosa insossa para os jornaes, fala da vida alheia, discute política, flagella a fraqueza dos governos, namora e bebe cerveja, ha por ahi quem se apaixone pelos exercicios physicos, ao ar livre, correndo, transpirando, bradando com a valentia dos pulmões, soltando a gargalhada sonora, em toda a belleza da agilidade, da força e da saude. E quando, no meio artificial e não raro doente, cheio de sobresaltos e duvidas, corrupção e odios, até a penna nos pesa qual comprida alavanca de ferro, que movemos com anceios e torturas, como elles, ageis e fortes, cantam o grande poema da vida à luz clara do firmamento! Abrem os braços, estiram o corpo, firmam as pernas, retesam os musculos, correm, saltam, atacam, fogem com graça, fogem com graça, tornam a atacar, e vencem! E após a luta, que alegria, que orgulho! Perguntae ao apaixonado jogador de bolas que pensa das sensacionaes intrigas do dia, da vaidade dos superficiaes ou do successo dos politicos, - e elle vos responderá com um meneio de hombros e um sorriso malicioso, emquanto dispara a queima roupa uma sonora praga e escapole para o commentario de algum novo acontecimento do

sportismo. São esses os que vivem. Esplende-lhes o gozo nas faces, acompanham a alegria da natureza; e quando refulge a luz, vibra a canção dos dias harmoniosos, são felizes porque amam a verdadeira beleza, que é a da saúde e da força. (A EPOCHA, 1904, p. 1)

Uma outra possibilidade discursiva que se apresenta nesta investigação trata da ideia do “mito fundador”, assentado sobre o estudante de direito carioca Victor Serpa. Para os principais pesquisadores da história do futebol em Belo Horizonte, teria sido pelo entusiasmo deste jovem acadêmico que o *foot-ball* na capital se introduziria e desenvolveria⁶. O periódico “A Epocha”, na sua edição de 16 de outubro de 1904, faz uma possível referência àquele que, no entender da nota, teria sido o principal responsável pela inserção do futebol na cidade. Para além da imprensa à época, parte da historiografia deste esporte em Belo Horizonte conserva (ainda que com ressalvas críticas) o discurso do mito fundador situado em Serpa. Para o jornal, ele representava o ideário esportivo (posto no incentivo da prática do futebol) harmonizado com a ambiência da modernidade, necessária à superação do atraso e do provincianismo do povo mineiro e horizontino. Em versos, a nota assinada por Timour destaca:

Vive a ensinar o jogo estúpido das bolas,
Nas praças, nos cafés, nas ruas, nas escolas;
E quando alguém se espanta ao ver os seus calções
Exquisitos demais, sem ligas, sem botões,
Elle fica sem graça e diz muito apressado:
‘É preciso educar o povo atrazado!’
‘Na Europa – norte a sul – não se encontra um lugar
Onde o povo não saiba as bolas atirar;’
‘E eu vou contar um caso esplendido a respeito...’
E logo vem um caso intermino e sem geito!
Já jogou com Loubet as bolas de manhan,
E de tarde fez verso ao lado de Rostand. (A EPOCHA, 1904, p. 2)

A figura 01 ilustra a ambiência do contexto que a narrativa aqui se propôs a discorrer. A foto do Sport Club, com a central figura do Victor Serpa, encerra este artigo. A partir daqui, acreditamos que novas possibilidades investigativas se configurem, com os indícios e olhares apontados.

⁶ Cf. RIBEIRO, Raphael Rajão. A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). 2007. 180f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007; RODRIGUES, Marilita Aparecida. Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.



FIGURA 01 – *Sport Club* em 1904. A partir da esquerda estão 1. Jordão Caíres; 2. [...]; 3. Augusto Pereira Serpa; 4. Virgílio Fabiano Alves; 5. Dr. Oscar Americano, 6. José Gonçalves; 7. Avelino Rodrigues; 8. Antônio Nunes de Almeida; 9. Francisco de Assis das C. Rezende; 10. Abel Horta Drumond; 11. Victor Serpa está assentado com a bola aos pés; 12. Viriato Mascarenhas; 13. Tomé Andrade; 14. Joaquim Brasil; 15. Joaquim Roque Teixeira; 16. Miguel Liebman; José Mariano de Sales; 18 []; 19. Antônio Mascarenhas.

Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

Últimas Notícias

Em um trabalho historiográfico não é possível o estabelecimento de uma ideia hermeticamente conclusiva, mesmo tendo sido realizado a partir de uma ampla gama de fontes. Ainda que tratadas e analisadas com o devido rigor, as fontes permitem apenas a tessitura de uma representação possível. Neste sentido, chegar a uma única conclusão, ou a uma verdade absoluta, se torna muito perigoso, visto que o passado, em certo sentido, é inapreensível.

Assim, o que foi possível perceber é a enunciação, via imprensa periódica, de dois bem delineados movimentos, simultâneos e distintos: 1) um claro entusiasmo, com um discurso de incentivo à prática esportiva, provavelmente assentado em bases de um ideário moderno, moralista e higiênico; 2) um estranhamento, que gerava um discurso de crítica e contrário posicionamento, capitaneado por intelectuais e literatos, que viam no *sportismo* um risco à integridade e desenvolvimento do intelecto.

Desta forma, pretendemos que esta investigação inicial possa tecer diálogos com outros estudos, no intuito de se compor um cenário mais claro de entendimento das percepções e sensibilidades estabelecidas a partir da chegada do futebol na capital mineira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A EPOCHA. *Os Saráos do Club*. Bello Horizonte, 21 de agosto de 1904.

AS FARPAS. *A Epocha*, Bello Horizonte, 20 de novembro de 1904.

FAGULHAS. *A Epocha*, Bello Horizonte, 16 de outubro de 1904.

FAGULHAS. *A Epocha*, Bello Horizonte, 30 de outubro de 1904.

GAZETA. *Impressões de um caipira*. Bello Horizonte, 10 de julho de 1904.

MACHADO DE ASSIS, José Maria. *O jornal e o livro*. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

MACIEL, L. A. *Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920*. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun; (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.

MINAS GERAES. *Seção Festas e Diversões*, 13 de julho de 1904.

MINAS GERAES. Seção Festas e Diversões, 03/04 de outubro de 1904.

MINAS GERAES. Seção Festas e Diversões, 24 de novembro de 1904.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894- 1920)* – Tese de Doutorado (FAFICH/UFMG, 2006).

SEMANAES. *A Epocha*. Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 1905.

SOUZA NETO, G. J. de. *A Invenção Do Torcer Em Bello Horizonte: Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930)*. Dissertação de Mestrado em Lazer. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação. (2010)

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. In: Revista Dossiê USP – Futebol, n. 22. São Paulo: Revista USP, 1994.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. *O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). BH: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 132.